

Brasil

Armínio: recessão está perto do fim

Presidente do BC diz a jornal americano que PIB cairá menos do que meta acertada com FMI

Ailton de Freitas/26-2-99

José Meirelles Passos

WASHINGTON
Correspondente

A recessão no Brasil vai acabar no segundo semestre deste ano. A retração da economia — que o próprio Governo e o Fundo Monetário Internacional (FMI) tinham calculado que ficaria em 3,8% — será menor: ficará entre menos 2% e menos 3%. E a partir do ano que vem, o crescimento será de pelo menos 4%. Essas são as novas previsões feitas pelo presidente do Banco Central, Armínio Fraga. Ele as revelou em entrevista ao "Wall Street Journal", publicada ontem. Armínio disse ainda que está otimista sobre a possibilidade de o Brasil registrar, de fato, um superávit primário equivalente a 3,1% do Produto Interno Bruto (PIB) ainda este ano.

O presidente do BC confirmou que vem utilizando pequenas parcelas das reservas de dólares do país para comprar reais, buscando fortalecer a moeda nacional. Ele, no entanto, acrescentou que também têm adquirido dólares, eventualmente, para reduzir a volatilidade da taxa cambial. Mas Armínio disse ao "Wall Street Journal" que está ansioso para deixar de intervir no mercado cambial: "Nós não pretendemos fazer isso em base permanente; isso não é uma boa política. Bancos centrais geralmente perdem dinheiro quando fazem isso e são freqüentemente tentados a intervir, em vez de mudar políticas que precisam ser mudadas".

Juros de um dígito em dois anos, prevê Armínio

O presidente do BC reafirmou que sua principal preocupação é com a inflação e não com o câmbio. Armínio citou o Canadá como um exemplo, lembrando que o dólar americano tem perdido valor naquele mercado nos últimos 12 meses, sem que haja consequências inflacionárias. "Eu gostaria que isso acontecesse também no Brasil", disse.

Quanto aos juros, ele fez uma previsão surpreendente: as taxas chegariam a apenas um dígito nos próximos dois anos. Segundo o presidente do BC, se o governo mantiver a sua austeridade fiscal e conseguir manter a inflação sob controle, não haveria razão para não ter juros menores do que dez por cento ao ano dentro daquele período.

Ouvido também pelo "Wall Street Journal", o ex-presidente do BC e hoje diretor do banco de investimentos do Morgan Stanley Dean Witter, Francisco Gros, disse que a recessão pode de fato estar chegando ao fim. Segundo estimativas de sua empresa, a contração da economia seria mesmo de 2% — e não mais 6% a 7%, como calculara em janeiro.

Operadores americanos reagiram com otimismo

A meta de inflação acertada com o FMI (17%) em 1999 — também poderá ser atingida sem problemas, na opinião de Gros. Ele comentou, inclusive, que essa cifra hoje já parece conservadora. Outros operadores do mercado financeiro de Nova York reagiram com igual otimismo, depois da leitura da entrevista de Armínio.

As declarações do presidente do BC reforçaram o ânimo da praça em relação ao Brasil, servindo para aumentar a expectativa de que o Governo emita em breve nova série de títulos para captação de dinheiro. Até dias atrás, a estimativa era de que o país buscaria US\$ 1 bilhão através de bônus globais. Mas ontem o cálculo era outro: seria possível obter de imediato ao menos US\$ 2 bilhões.

— Eu creio que o *timing* é bastante favorável ao Brasil. Eu diria mesmo que há quase uma ansiedade, em relação à perspectiva de o Governo lançar novos papéis no mercado — afirmou David Roberts, economista sênior internacional do Bank of America, em Nova York.

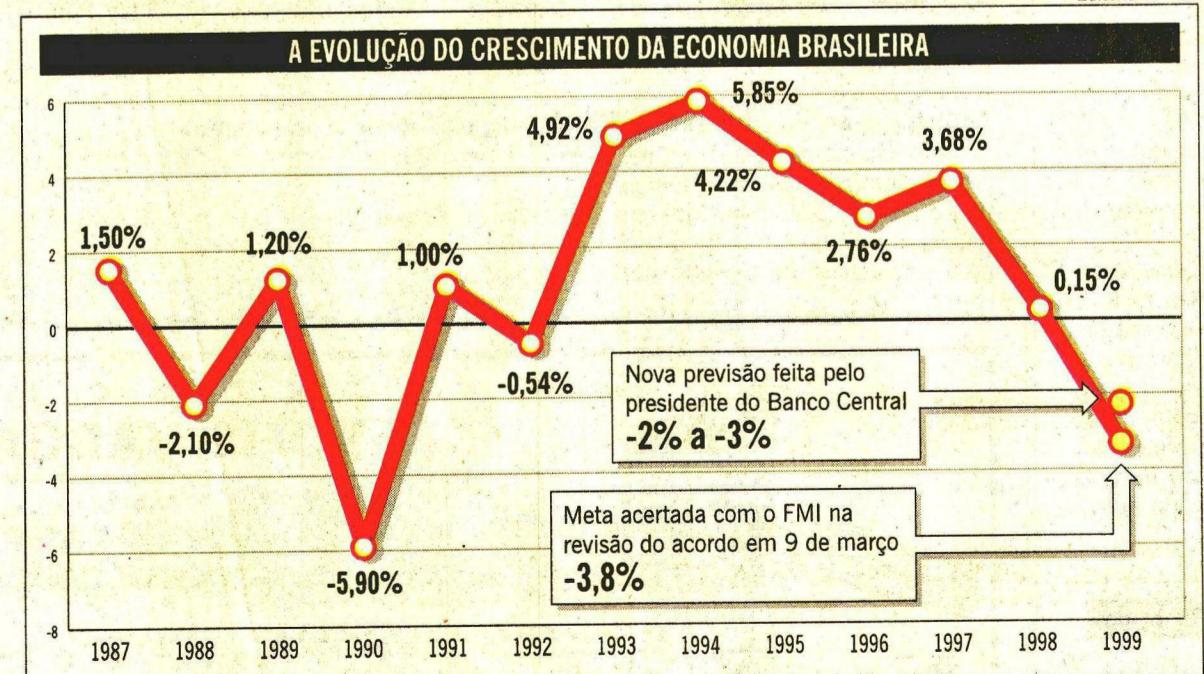
O próprio FMI, que vem monitorando de perto os movimentos do Brasil, também já aposta na possibilidade de o Governo conseguir levantar US\$ 2 bilhões de imediato. Essa expectativa foi revelada por Teresa Ter-Minassian, a sub-diretora do Departamento do Hemisfério Ocidental, do Fundo, e que chefiou a equipe nas negociações com o Brasil. Segundo ela, o país conta com uma boa brecha para captações no exterior, de acordo com as metas estabelecidas no acordo com o FMI:

— Embora o objetivo seja o de reduzir a dívida pública e, ao mesmo tempo, instituir uma rígida disciplina fiscal, o Brasil poderá levantar até US\$ 8



ARMÍNIO FRAGA reitera que está mais preocupado com a inflação do que com o câmbio: se o Governo conseguir conter alta de preços, juros podem ficar abaixo de 10%

Editoria de Arte



bilhões na praça sem o menor problema — disse a economista, que agora chefa a equipe de inspetores do FMI encarregados de monitorar o país.

O vice-diretor-gerente do Fundo, Stanley Fischer, acrescentou que uma iniciativa desse tipo seria saudável e conta com o apoio das instituições multilaterais e do Grupo dos Sete (G-7), os países ricos que financiam o Brasil junto com o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento:

— Creio que todo mundo entende que os bra-

sileiros gostariam de voltar ao mercado e obter algum dinheiro do setor privado, além do que eles já conseguiram rolar (linhas de crédito). O setor oficial apreciaria muito isso — disse o executivo.

Fischer disse ainda que o Brasil tem reservas suficientes para levar adiante o novo programa de ajustes sem maiores preocupações. E, por isso mesmo, em sua opinião seria conveniente que o país tratasse de buscar mais dinheiro no mercado financeiro. ■